Dia 17 — Santo Aniceto, Papa e Mártir

Santo Aniceto, duodécimo papa depois de São Pedro, foi originário da Síria. Nasceu perto do fim do primeiro século; e a grande reputação que já tinha na Igreja perto da metade do segundo é testemunho da santidade com que passou os primeiros anos de sua vida. Foi homem de superior gênio, de extraordinária grandeza de alma, de tanta tenacidade e de tanta intrepidez que olhava com desprezo os maiores perigos e de zelo tão ardente pela verdade e pela fé que foi constante e universalmente tido por açoite dos hereges. Era venerado por um dos mais sábios e mais santos presbíteros da Igreja de Roma quando, havendo sido coroado com o martírio o papa São Pio, no ano de 157, foi nomeado Aniceto por sucessor seu.

Tinha necessidade a Igreja de um pontífice tão grande em tempo em que a malignidade e a multidão dos hereges não perdoavam a meio algum para corromper a santidade de seus costumes e a pureza de sua fé. Quase todos estes inimigos declarados de Jesus Cristo haviam-se juntado em Roma, onde sempre havia reinado e florescido a fé em todo o seu vigor, com o fim de fazer tudo o possível para envenená-la na mesma fonte.

No tempo do papa São Higino havia ido a ela aquele ímpio heresiarca Valentim, que, havendo feito grandes progressos durante o pontificado de São Pio, adiantava cada dia com novas conquistas. Certa miserável mulherzinha chamada Marcelina, da infame seita dos carpocracianos ou gnósticos, que também havia chegado à dita cidade, pervertia muita gente. Desde o princípio do pontificado do mesmo São Pio havia começado também o ímpio Marcião a semear seus erros na cabeça do mundo cristão; de sorte que, quando Aniceto se sentou na cadeira de São Pedro, viu-se como rodeado de monstros que respiravam veneno; mas a todos os exterminou durante seu pontificado, perseguindo-os até suas mesmas tocas e não poupando diligência alguma para preservar os fiéis da peçonha com antídoto oportuno.

Deitou Deus a bênção ao zelo e aos trabalhos do santo pontífice. Em pouco tempo viu-se livre o rebanho das enfermidades contagiosas pelos desvelos do pastor. Descobertos e confundidos os valentinianos, os marcionistas e todos os demais hereges pelo zelo de nosso santo, foram objeto da execração de todo o mundo. Instruiu e governou seu povo com tão feliz sucesso que Roma, centro da unidade e da fé, o foi igualmente da santidade e o teatro da virtude cristã. Assim o testifica Hegesipo, que esteve em Roma no tempo de Santo Aniceto.

Havendo este insigne homem, não menos sábio que santo, tratado em sua viagem a muitos bispos do Ocidente e havendo observado em Roma assim a pureza da fé como a santidade dos costumes dos fiéis, admirado de uma e de outra, fez um magnífico elogio do pastor e do rebanho. Escreveu em cinco livros a história eclesiástica desde a paixão de Cristo até seu tempo, que se reduzia a

uma sincera coleção das tradições apostólicas; mas já não nos ficaram de uma obra tão antiga e tão autêntica mais que alguns fragmentos conservados por Eusébio, nos quais se vê a sinceridade com que São Hegesipo dá testemunho de que até seu tempo não havia sé episcopal nem cidade cristã onde não se observasse o que manda nossa santa lei, o que os apóstolos haviam pregado e o que havia ensinado o mesmo Jesus Cristo, distinguindo-se Roma entre todas.

Faziam de quando em quando os hereges alguns esforços para corromper a fé; mas a vigilância de Aniceto atalhava os efeitos de seus perniciosos intentos. No princípio de seu pontificado veio visitá-lo São Policarpo, discípulo de São João Evangelista e bispo de Esmirna, que, cheio de estima e de singular veneração por nosso santo pontífice, teve especial consolo em passar a conferenciar com ele sobre alguns pontos de disciplina eclesiástica em que ainda não haviam convindo as igrejas grega e latina e que ainda não estavam decididos. Logo se concordaram os dois santos. Como era tanto o que São Policarpo deferia e respeitava o vigário de Cristo e era tão singular a estimação que Aniceto fazia de Policarpo, estreitaram entre si uma íntima amizade. Não contribuiu pouco esta boa inteligência para confundir os hereges e para conservar os verdadeiros fiéis na pureza da fé que haviam recebido dos apóstolos; nem foi menos conducente para que florescesse naquela capital a santidade de costumes que edificava tanto todo o mundo cristão. Bem se pode assegurar que, se a verdade e a virtude foram tão combatidas em Roma por aquela multidão de hereges que haviam concorrido a ela, não foram menos valorosamente defendidas pela concorrência de tantos santos e de tantos homens grandes como juntou também nela a divina Providência.

Além de Santo Aniceto, São Policarpo e São Hegesipo, de quem acabamos de falar, viu-se ao mesmo tempo em Roma São Justino, um dos mais brilhantes astros de seu século. Ali compôs a maior parte de suas obras, que foram tão úteis para dissipar as calúnias dos gentios e para alumiar tão prodigioso número de hereges. Tendo-se por ditoso este insigne santo de poder secundar de algum modo o zelo de tão grande papa, estabeleceu em Roma, segundo o plano que lhe deu o mesmo Aniceto, uma escola de virtude em que dava lições de religião a quantos queriam ser instruídos. Correspondeu o fruto a seu zelo; porque apenas se viu em outro tempo tanta constância e tanto fervor entre os fiéis, a despeito da perseguição dos pagãos e dos esforços que faziam os hereges para corromper a fé e os costumes.

Governou a Igreja Santo Aniceto, segundo Eusébio e Nicéforo, por espaço de doze anos, com admirável zelo, prudência e vigilância. Ainda em tempos tão turbulentos e tão nebulosos encontrou lugar sua solicitude pastoral para descer às maiores minúcias da vida exemplar que devem observar os clérigos e a muitos pontos importantes de disciplina eclesiástica.

Proibiu que os clérigos levassem o cabelo comprido, segundo a ordenação do Apóstolo, e mandou que todos andassem com coroa ou tonsura clerical. Afirma São Gregório de Tours que o autor desta coroa foi São Pedro, em memória da coroa de espinhos do Salvador; e assim é provável que Santo Aniceto estabelecesse por decreto o mesmo que até ali não era mais que um mero e piedoso costume. O certo é que antigamente só se deixava uma espécie de franja ao redor da cabeça, estando todo o demais raspado a navalha, à maneira que ainda hoje o observam muitos religiosos.

Havia muito tempo que nosso santo papa suspirava pelo martírio. Aquele ardente zelo que manifestava por conservar em sua pureza o sagrado depósito da fé e por dilatar o reino de Jesus

Cristo parecia fazê-lo credor a este insigne favor do céu, e assim foi coroado com o martírio na perseguição de Marco Aurélio, perto do ano do Senhor de 167, e seu santo corpo foi enterrado pelos cristãos no cemitério de Calisto.

No ano de 1590, Minúcio, arcebispo de Munique e secretário de Guilherme, duque da Baviera, levou àquela cidade a cabeça de nosso santo e colocou-a na igreja dos padres da Companhia, onde é venerada com singular devoção.

No de 1604, tendo mandado o papa Clemente VIII que todos os corpos santos que se achassem no dito cemitério de Calisto fossem tirados dele e trasladados a lugar mais decente e honorífico, João Ângelo, duque de Altemps, pediu e conseguiu do papa o corpo de Santo Aniceto; e, mandando lavrar uma magnífica capela, colocou nela este inestimável tesouro num suntuoso sepulcro de mármore, onde é venerado com a maior devoção. O mesmo duque fez o elogio de nosso santo pontífice nestas poucas palavras: «Se a perfeita inteligência da sagrada Escritura; se a inocência e a santidade de vida; se a glória do martírio bastam cada uma de per si, como todos o confessam, para fazer um homem imortal, que se deverá pensar do mérito e da glória de Santo Aniceto, em quem todas estas coisas se juntaram?»

Missa (oração)

A missa é em honra do santo, e a oração é a seguinte.

> **Latim:** *Deus, qui nos beati Aniceti, martyris tui atque pontificis, annua solemnitate lætificas; concede propitius, ut cujus natalitia colimus, de ejusdem etiam protectione gaudeamus. Per Dominum nostrum Jesum Christum.*

Português: Ó Deus, que cada ano nos alegrais com a solenidade de vosso bem-aventurado mártir e pontífice Aniceto, concedei-nos que alcancemos a proteção daquele cujo nascimento para o céu celebramos. Por nosso Senhor Jesus Cristo...

Epístola

A epístola é do capítulo 5 do livro da Sabedoria, e é a mesma do dia 14.

Sabedoria 5,1-5

>

> **Latim:** [1] Tunc stabunt justi in magna constantia adversus eos qui se angustiaverunt, et qui abstulerunt labores eorum. [2] Videntes turbabuntur timore horribili, et mirabuntur in subitatione insperatæ salutis ; [3] dicentes intra se, pœnitentiam agentes, et præ angustia spiritus gementes : Hi sunt quos habuimus aliquando in derisum, et in similitudinem improperii. [4] Nos insensati, vitam illorum æstimabamus insaniam, et finem illorum sine honore ; [5] ecce quomodo computati sunt inter filios Dei, et inter sanctos sors illorum est.

Português: [1] Então se levantarão os justos com grande afou-teza contra aquêles que os atribularam, e que lhes roubaram o fruto dos seus trabalhos. [2] Vendo-os assim, perturbar-se-ão com temor horrível, e ficarão assombrados pela novidade repentina da sua salvação, que êles não esperavam, [3] dizendo dentro de si, tocados do arrependimento, e com angústia do espírito gemendo: Estes são aquêles, de quem nós noutro tempo fazíamos zombaria, e a quem tínhamos por objeto de opróbrio. [4] Nós insensatos reputávamos a sua vida por uma loucura, e o seu fim sem honra: [5] Ei-los aí como têm sido contados entre os filhos de Deus, e entre os santos está a sua sorte.

Nota

«Os que duvidam de que Salomão fosse autor do livro da Sabedoria não fazem reflexão a estas palavras que diz de si mesmo o autor do dito livro no capítulo 9, falando com Deus: *Vós me escolhestes para rei de vosso povo e para juiz de vossos filhos e de vossas filhas, e me mandastes edificar um templo em vosso santo monte e um altar na cidade de vossa habitação.* É provável que o livro da Sabedoria foi a primeira obra que compôs Salomão depois que o Senhor lha concedeu.»

Reflexões

Ergo erravimus a via veritatis. Logo erramos o caminho da verdade. A consequência é legítima e verdadeira; o discurso cabal e bem hilado. Mas que desesperação a de uma dor e de um arrependimento inútil! Para um homem de vergonha não há coisa mais sensível nem mais ruborosa que haver-se enganado. Nunca se reconhece o erro sem alguma confusão; mas, quando nasceu de pura necedade, de pura simpleza; quando foi unicamente por culpa do que erra; quando o desacerto conduz à última desdita, e essa sem remédio, quanto distará da desesperação o arrependimento? Não há suplício mais cruel que aquele em que servem de tiranos o entendimento e o coração.

Logo nós andamos errados e descaminhados: *Ergo erravimus.* Nós, que tanto nos fazíamos respeitar; nós, que éramos reputados por homens de grande entendimento e tínhamos lástima dos que iam pelo caminho real e direito; nós, que éramos os deuses da terra, em cuja presença todos

se encurvavam; nós, a quem tudo saía a pedir de boca e, coroados de rosas e flores, éramos a alma das festas; nós, mulheres do mundo, ídolos da vaidade, almas da diversão e do prazer; nós, que fazíamos chacota das verdades mais terríveis da Religião e joguete das ameaças do Altíssimo; nós, que só éramos cristãos por bem parecer: logo nós erramos, e erramos no ponto decisivo de nossa sorte eterna: *Ergo erravimus.* Logo não era verdade que aquelas honras tão superficiais, aquelas riquezas tão caducas, aqueles deleites na maior parte tão amargos podiam fazer-nos felizes para sempre; logo não era verdade que aquela vida regalada, ociosa, delicada e licenciosa havia de ser invejável; logo não era verdade que meu estado, meu emprego, minha dignidade, meu caráter, meu nascimento me davam licença e algum direito para não viver cristãmente.

Imaginava eu que aquelas mulheres tão circunspectas, tão virtuosas, que passavam os dias no retiro e nos exercícios de piedade, eram dignas de lástima; parecia-me sua solidão uma espécie de prisão e sua circunspeção um suplício intolerável. Mas enganei-me: elas foram por onde deviam ir; eu fui a louca e a descaminhada.

Nos insensati vitam illorum æstimabamus insaniam. Insensatos de nós, que tínhamos por necedade aquela sua vida, quando em rigor não há outra discrição nem outra verdadeira sabedoria que a dos santos. É porventura sabedoria e discrição caminhar às apalpadelas sem saber aonde se caminha? É sabedoria e discrição cair atarantadamente nos laços do inimigo? É sabedoria e discrição correr atrás de um pouco de fumo e, quando muito, atrás de um fogo-fátuo? É sabedoria e discrição pôr em perigo a salvação eterna, aturdir-se um em seus mesmos descaminhos e trabalhar com todas as suas forças em sua própria ruína? Pois esta é nossa conduta; julguemos agora qual será nossa discrição e nossa sabedoria.

Mas nos arrastou o amor dos deleites; outra prova de nossa insigne loucura: *Lassati sumus in via iniquitatis.* Fatigamo-nos a puro andar pelo caminho da maldade. Há caminho mais fragoso, mais áspero nem mais penoso que o nosso? Sendo presa infeliz de todas as paixões, alvo de toda a malignidade do coração humano, vítimas da ambição, da concupiscência e da inveja, que cruéis inquietações, que mortais angústias, que insofríveis tormentos tivemos que padecer! Desconfiança eterna, sobressaltos contínuos, dissabores, desgostos, desaires e rubores, risos forçados, alegrias artificiais mas vãs, remorsos tiranos, memória da morte: quanto não fazeis sofrer! Pois esta é aquela vida deliciosa de que fazemos tanta ostentação. Por nossa desgraça todos estes pesares são bem fundados, mas vãos; todas estas reflexões arrazoadas, mas inúteis. Conhecemos o erro, estremecemo-nos e horrorizamo-nos; mas já não há lugar à emenda; só resta o arrependimento. Compreende bem toda a amargura e a pungente dor destas fatais consequências.

Evangelho

O evangelho é do capítulo 16 de São João, e é o mesmo do dia 4.

João 16,20-22

> **Latim:** [20] Amen, amen dico vobis : quia plorabitis, et flebitis vos, mundus autem gaudebit ; vos autem contristabimini, sed tristitia vestra vertetur in gaudium. [21] Mulier cum parit, tristitiam habet, quia venit hora ejus ; cum autem pepererit puerum, jam non meminit pressuræ propter gaudium, quia natus est homo in mundum. [22] Et vos igitur nunc quidem tristitiam habetis, iterum autem videbo vos, et gaudebit cor vestrum : et gaudium vestrum nemo tollet a vobis.

Português: [20] Em verdade, em verdade vos digo : que vós haveis de chorar, e gemer, e que o mundo se ha de alegrar : e que vós haveis de estar tristes, mas que a vossa tristeza se ha de converter em gozo. [21] Quando huma mulher pare, está em tristeza, porque he chegada a sua hora : mas depois que ella pario hum menino, já se não lembra do aperto, pelo gozo que tem, por haver nascido ao mundo hum homem. [22] Assim tambem vós-outros sem dúvida estais agora tristes, mas eu hei de ver-vos de novo, e o vosso coração ficará cheio de gozo : e o vosso gozo ninguem vo-lo tirará.

Meditação

Da falsa alegria do mundo

Primeiro ponto

Considera que a alegria imaginária do mundo não somente é desprezível, superficial, insulsa, mas toda ela é uma pura simulação. Não há coisa mais falsa em sua origem, não a há mais inconstante em sua duração, não a há mais amarga em seu fim. Apenas se achará manancial algum de alegria mundana que não esteja empeçonhado; poucos que não sejam malignos; nenhum cujas águas sejam capazes de apagar a sede.

O satisfazer uma paixão, o gozar de um prazer, o fazer uma grande e rápida fortuna, o lograr uma coisa que se desejava com veemência produzem na alma esse movimento agradável que se chama alegria. Por alguns momentos parece que se dilata o coração; mas é muito pura esta alegria? Está a alma muito satisfeita com ela? Julguemos do efeito pela causa. Sem serenidade e sem calma não há alegria verdadeira. E há muita calma e muita serenidade no coração dos mundanos? Para que um bem mereça este nome, não basta que agrade; é mister que seja um bem sólido e real, porque sem isto a alma se alegra em falso. E se encontram muitos bens sólidos e reais entre os que causam no mundo tanta alegria? Acha-se ao menos um só que faça o homem feliz e que não lhe dê fadiga? As riquezas são uns espinhos penetrantes e um fecundo manancial de inquietações, desgostos e sobressaltos; os prazeres são inseparáveis de mil remorsos. Aturda e atordoe o encanto quanto quiser: alegria que não se funda na inocência é forasteira; se a virtude não a alimenta, está doentia; se é vicioso seu princípio, é falsa. Examina agora se há muita alegria no mundo. Sua mesma inconstância não bastaria para fazê-la vã? Há poucos risos que não sejam

afetados no mundo; apenas se sabe rir nele sem que seja com estudo. Aqueles que se chamam desafogos do coração, como são tão violentos, não podem ser duradouros. Falando com toda a propriedade, os assomos da alegria mundana não são mais que aparições; se se apodera do coração, não está longe a tristeza, ou, por melhor dizer, esta jamais se afasta de todo, e muitas vezes não desaparece mais que aos olhos do que olha: daqui provém que as pendências, as rixas e os maiores excessos do furor costumam nascer, digamo-lo assim, no mesmo regaço dessa falsa alegria. Alegria mundana, alegria artificial, alegria postiça, vão fantasmão de alegria: não é mister mais que um pouco de entendimento para conhecê-lo assim. Ah, bom Deus! Quando dareis ao mundo o entendimento e a religião que bastem para que desterre de si um erro tão universal? Quando deixará de enganar-nos, e quando deixaremos nós de apascentar-nos com ele?

Segundo ponto

Considera que a alegria mundana se pode comparar àquelas árvores sempre verdes e sempre floridas que puramente servem de adorno aos jardins e cujo fruto, de ordinário, é muito amargo. Essas alegrias de bulha e de tumulto, essas festas brilhantes, esses saraus, essas mesas de jogo, esses banquetes e diversões ainda costumam custar mais ao coração que à bolsa: a esta a deixam vazia, mas a aquele, como o deixam!

Há festa, há diversão, há alegria do mundo sem inquietação, sem invejas, sem ciúmes e sem zozobras? O tumulto e a dissipação embargam e suspendem o sentimento por algum tempo; mas dura pouco o encanto. Caem as flores no chão e fica no fruto a amargura; os remorsos picam, os pesares despedaçam; a inveja, o ódio, o medo, o sobressalto e outras mil paixões fazem pagar bem caras aquelas gotas de doçura que o mundo nos vendeu a tão alto preço. Lograste alguns intervalos destes gostos, destas alegrias tão ponderadas: e que te ficou delas? Que fica na quaresma das diversões e das bulhas do carnaval? Remorsos e arrependimentos; mas ainda estes podem ser frutos salutares. Comichões, desgostos, amarguras são as relíquias que ficam mais comumente. Àquelas pessoas do mundo que por sua idade ou por seus achaques estão desterradas de suas diversões e de seus gostos, que lhes fica dos que em seu tempo tiveram? Aquele pobre moribundo, que tirou do que se holgou? Talvez a enfermidade que o leva à sepultura, uma cor pálida e lágrimas amargas. Consolar-lo-ão muito naquele derradeiro momento umas alegrias apagadas da memória para o gosto e só impressas nela para a dor? Mas que lhes ficou de todas as festas mundanas àqueles infelizes condenados que depois de sua morte estão ardendo já nas chamas eternas? Se naquelas alegrias se achava algum bem real e verdadeiro; se eram digno objeto de uma nobre ambição; se mereciam nossas ânsias; se nos eram lícitas e permitidas, por que nos deixaram tão cruéis, tão amargas dores? Por que tão justo arrependimento?

Ó meu Deus, e quão advertidos, quão discretos foram os santos em olhar todas essas alegrias como ilusões ou como relâmpagos que de ordinário vêm acompanhados de raios e tempestades! Bem persuadido estou eu desta mesma verdade; bem conheço todo o veneno deste erro; e no meio disto ainda suspirarei por este vão fantasma! Fazei, Senhor, que, descobrindo bem a falsidade desta aparente alegria, conheça todo o mérito e valor daquela salutar tristeza que é a herança dos escolhidos e à qual se segue sempre a eterna felicidade. Amém.

Jaculatórias

> *Beatus vir qui non respexit in vanitates et insanias falsas.* Sl 39.

Bem-aventurado aquele que não se deixa levar de vaidades e loucuras.

> *Risum reputavi errorem, et gaudio dixi: Quid frustra deciperis?* Ecl 2.

Sempre tive o riso por necedade e a alegria mundana por engano.

Propósitos

1. Cheio está o mundo de brilhos aparentes; mas nenhum salta tanto aos olhos como aquela falsa alegria de que faz tanta ostentação. Sempre se ri nele por artifício, sempre com hipocrisia. Coisa estranha! Sendo a alegria o verniz de todas as diversões do mundo, em nenhuma parte há tanta melancolia, tanta tristeza, tanta zozobra como no coração dos que parecem mais alegres. Eles mesmos o confessam assim, e não é mister outra prova que sua mesma conduta. Aquele ar desembaraçado e risonho, aqueles alargamentos do coração, aquela jovialidade de profissão, tudo é uma máscara que encobre mil acongojantes cuidados, é um disfarce que procura ocultar a nossos olhos um coração atestado de tristeza. E tudo isto será muito inocente? Toma hoje mesmo a resolução. Primeiro: de não intervir jamais nessas perigosas diversões; de não assistir a essas festas mundanas, nas quais corre tanto perigo a inocência; de não aparecer jamais, por nenhum pretexto, no baile, na casa de jogo nem nos espetáculos. Segundo: de não permitir que teus filhos e dependentes concorram a semelhantes lugares, de que deve voluntariamente desterrar-se todo cristão. Terceiro: de não perder ocasião de descobrir aos outros, especialmente a teus filhos e família, o veneno dessas alegrias. Que maior crueldade que ver o fogo, a peçonha e os laços que o inimigo prepara em todas as partes e não falar uma palavra! Grita eternamente contra estas fatais ilusões.

2. Nunca pode haver razão para tomar veneno com pretexto de que é grato ao paladar e de que depois se tomarão preservativos. Olha como peçonhentas todas essas alegrias mundanas e anda com muito cuidado até nas diversões que parecem mais lícitas e mais inocentes. Lembra-te de que nem a atenção nem a urbanidade hão de ser em prejuízo da salvação. Tens que fazer uma visita, que concorrer a um sarau? Previne-te antes com o contraveneno aos pés de teu crucifixo. Não te podes escusar de assistir a um casamento, de sair por uns dias a uma casa de campo? Leva sempre contigo o pensamento da morte, porque não há remédio mais eficaz para desvanecer os

mais perigosos atrativos. Sempre que se ri, representa-se uma comédia; e, se não, figura-te como estará essa pessoa tão jovial e tão risonha na hora da morte.

A Beata Maria Ana de Jesus, Virgem

Se em todos os tempos a imperial e heroica vila de Madri tem sido feliz berço de pessoas esclarecidas em santidade, armas e letras, apenas entre as que mais a ilustraram se achará uma que possa comparar-se com a beata Maria Ana de Jesus, honra imortal de seu sexo, virgem castíssima e teatro admirável das operações mais portentosas da graça. Nasceu esta serva de Deus na referida vila em janeiro do ano de 1565 e foi batizada na paróquia de Santiago em 21 do mesmo mês e ano. Seus pais, Luís Navarro Ladrón de Guevara e Joana Romero de Villalpando, ainda que ilustres pela nobreza de sua linhagem, o eram ainda mais pela piedade cristã que resplandecia em suas obras. A frequência dos sacramentos, a distribuição de copiosas esmolas, a visita de hospitais e outros exercícios igualmente caritativos foram os meios de que se valeram para alcançar de Deus o fruto de bênção com que os enriqueceu e para manifestar-lhe por ele seu agradecimento. Desde os primeiros anos deixaram-se ver nesta santa indícios nada equívocos de sua futura santidade: jamais se a viu chorar nem incomodar-se, coisa tão natural nas crianças e que é como o primeiro sinal da corrupção de nossa natureza; o alimento tomava-o escasso, como se desde então começasse a jejuar; e na doçura e aprazibilidade de seu rosto, que era formosíssimo, indicava bem a alegria e tranquilidade de sua alma. A estes felizes sinais juntaram-se outros não menos admiráveis que seguros, pelos quais se denotavam mais claramente as propensões do coração.

Se a levavam à igreja, viam-na transportar-se de gozo ao tempo da elevação da sagrada hóstia; e seus inocentes olhos se fixavam com tanta intensão nas imagens de Jesus e de Maria que desde logo se viu a grande devoção que havia de ter à Mãe de Deus e quão de perto havia de seguir as pegadas dolorosas de seu Filho crucificado. Ao passo que ia crescendo, iam-se verificando com maior clareza e extensão os anúncios de sua santidade. Apenas tinha completado quatro anos quando já se admiravam nesta santa menina os exercícios da virtude mais sólida, em lugar daqueles entretenimentos pueris que costumam divertir e às vezes corromper os primeiros anos. Olhava os pobres com olhos compassivos; e, acreditando com as obras a ternura de seu coração, distribuía entre eles não somente a comida que seus pais lhe davam, mas quanto podia alcançar com suas mãos. Aos enfermos de sua casa alentava-os com dulcíssimas palavras a sofrer com paciência as dores; e, quando em companhia de sua mãe visitava os de fora, sua modéstia e compostura produziam o mesmo efeito. Tudo isto era causado do recolhimento e da oração que naquela tenra idade fazia a santa menina; porque, retirando-se aos lugares mais apartados de sua casa, viam-na frequentemente de joelhos diante de alguma imagem de Cristo crucificado, umas vezes banhado o rosto em lágrimas e outras cercada de resplendores, tão suspensa e submersa que parecia estar privada de seus sentidos. Como Deus era seu mestre, segundo afirma a santa em seus escritos, aproveitou tanto na escola do espírito que, ainda antes de chegar aos sete anos,

experimentava já aquelas ilustrações, visões e regalos que costumam ser o fruto de muitos anos de contemplação, de fervor e de penitência. O soberano Pai das luzes manifestava-se-lhe com tanta clareza e dava-lhe uma inteligência tão perfeita dos mais sublimes mistérios, especialmente do da Trindade, Encarnação e presença real de Jesus Cristo na Eucaristia, que a evidência do conhecimento deixava pouco lugar à obscuridade da fé.

Teve diferentes aparições de Jesus Cristo, de sua Mãe santíssima e do anjo custódio, nas quais, além das altíssimas verdades que lhe ensinavam, enchiam seu coração de inefáveis doçuras, afeiçoando-a ao amor do Esposo das virgens e ensinando-a na contemplação da bondade infinita. De tão soberanas instruções nascia um desprezo total das coisas perecedouras e um amor e desejos fervorosos das eternas e divinas. Assim toda a sua conversação era de Deus, todas as suas obras encaminhadas ao proveito e santificação de seus próximos e todos os seus desejos acrescentar mais e mais aquela caridade flagrantíssima que abrasava seu coração. Este não podia conter em si a grandeza e multidão de afetos que produzia a caridade; e assim se derramava, procurando introduzi-los nas almas de suas irmãs e familiares de sua casa com doces e eficazes arrazoados. Estes eram sumamente devotos, singularmente quando precediam alguma festa de preceito, algum dia de jubileu ou solenidade de Maria santíssima. Então suas palavras tinham mais unção e viveza e logravam felizmente o efeito de dispor suas almas ao cumprimento do preceito e às obras piedosas que estavam mandadas para ganhar o jubileu. A isto se juntava uma discrição e doçura para repreender as faltas que advertia que lograva corrigir sem exasperar, evitando os defeitos de um zelo arrebatado.

Adiantada Maria Ana tão prodigiosamente na virtude, desejava participar daquelas graças que a Igreja não concedia ainda a seus tenros anos. Tal era a participação da sagrada Eucaristia, à vista da qual se exalava sua alma em acesos desejos. Avivavam-se estes com o exemplo de sua piedosa mãe, que frequentava os sacramentos com ternura e devoção, levando sempre consigo sua querida filha, para que em sua terna alma se fixassem mais profundamente o amor e reverência à religião e a seus mistérios. Mas a santa menina, não podendo sofrer já mais dilações e sentindo em seu espírito uma santa fome do divino manjar, solicitou com lágrimas e rogos que a fizessem participante da divina comunhão. Seus pais ouviram com regozijo estas santas pretensões, comunicaram-nas ao pároco e, tomando este a seu cargo examinar o talento e disposições da menina, descobriu nela um conhecimento tão claro dos divinos mistérios, uma virtude tão perfeita e um espírito tão elevado que facilmente condescendeu com seus desejos. Preparou-se Maria Ana para a primeira comunhão com exercícios sumamente fervorosos e, transformada num anjo, chegou a gostar o manjar dos anjos com singular consolo de sua alma. Ficou submersa em celestial doçura, e tanto que dali em diante ela mesma estimulou sua mãe à frequência dos sacramentos. As consolações interiores que o Pai das misericórdias lhe concedia eram tais que ao mesmo tempo avivavam nela o desejo de receber a Eucaristia e a cumulavam de complacências e doçuras.

Até os onze anos a beata Maria Ana seguiu desfrutando estas delícias e gozando de uma vida a mais tranquila e regalada que se possa imaginar. Mas Jesus Cristo, que se fez Esposo de sangue, como diz a Escritura, quer que seus eleitos o sigam pelo caminho dos trabalhos e dispôs que Maria Ana entrasse nesta penosa carreira. O primeiro golpe com que afligiu seu terno coração foi a morte de sua mãe, a quem levou para si para dar-lhe o prêmio de suas grandes virtudes. Esta perda foi para a santa menina sumamente dolorosa, porque em sua mãe tinha uma mestra de piedade e

uma companheira nos devotos exercícios. Conhecendo que nada se faz neste mundo que não esteja sujeito às sábias leis da divina Providência e que o bom cristão deve receber da mão de Deus os bens e os males com igual semblante, resignou-se humilde a sua divina vontade, levou com paciência a dolorosa separação de sua mãe e com jejuns, penitências e sufrágios manifestou o amor que lhe tinha. A este golpe seguiram-se outros ainda mais amargos. Seu pai se casou logo, dando a Maria Ana uma madrasta dura de condição, que a maltratava de palavra e com obras; e, tendo tido duas filhas, com o amor natural a estas cresceu a aversão que tinha àquela. Seu pai, desejando tirar a sua mulher um motivo de desgosto e de contínuas rixas, determinou casá-la; e para este efeito fazia-a usar dos adornos com que costumam adornar-se as donzelas. Este foi um novo tormento para Maria Ana, que aborrecia tudo aquilo que não se dirigisse a agradar a seu divino Esposo; mas, condescendendo com a vontade de seu pai, adornou-se com modéstia cristã, esperando que o Senhor disporia as coisas de modo que se encaminhassem a seu maior serviço. O que a santa passava neste tempo, di-lo ela mesma, e são dignas de copiar-se suas palavras:

«Contínua e ordinariamente — diz — era Deus meu mestre, ilustrando meu entendimento e dando a conhecer a minha alma de uma maneira clara e evidente sua grande bondade e aquele paternal amor com que nos ama, apartando sempre meu coração de todo mal e inclinando-o a todo bem, escolhendo-o das moitas e perigos com que de ordinário a natureza costuma distrair e levar atrás de si; pois, ainda que, como as demais, tive minhas cabeçadas e sonhozinhos quanto ao adorno e compostura que algumas donzelas costumavam usar para parecer bem, sempre quis nosso Senhor, por sua infinita bondade e misericórdia, que me olhasse no espelho da castidade e que meu toucado e vestido fosse muito honesto, estando sempre muito coberta e recatada e por conseguinte encerrada e recolhida em casa, fugindo do que me podia arrastar à vaidade: porque meu contínuo mestre e senhor Deus sempre me incitava ao bem e, como tenho dito, me apartava do mal; e em particular nas noites, quando me recolhia, achava-me muitas vezes admoestada do Senhor, que perguntava a minha alma e lhe tomava conta e interiormente lhe dizia: para quem se havia adornado e ataviado? dando-lhe juntamente a entender o desengano e vaidade das coisas da vida. E com que profundidade e luz mo dava Sua Majestade a conhecer!»

Entretanto seu pai e sua madrasta multiplicavam as instâncias e diligências para que Maria Ana abraçasse o estado do matrimônio. As prendas estimáveis de honestidade, mansidão e formosura de que estava adornada proporcionaram-lhe facilmente um esposo em quem concorriam as mais vantajosas qualidades, e isto mesmo dava calor aos desejos de seu pai. A santa, que por uma parte conhecia e respeitava os direitos paternos quanto à eleição de estado e por outra olhava o matrimônio com repugnância, achava-se combatida por diferentes afetos. Não sabia com certeza qual fosse a vontade de Deus naquele ponto; e, como só esta era a regra de suas ações, multiplicou os jejuns, as penitências e a oração como seguros meios de investigá-la. Prostrava-se em seu secreto oratório diante de uma imagem de Cristo crucificado; e ali, com suspiros fervorosos, lágrimas e gemidos que lhe saíam do coração, pedia a Deus que se dignasse manifestar-lhe quais eram os desígnios de sua sabedoria para segui-los, ainda que fosse à custa de sua mesma vida.

Por este tempo ouviu a santa por casualidade um sermão que pregou o venerável padre frei Antônio do Espírito Santo, da ordem de São Francisco, residente então no convento de São Bernardino, o qual dirigiu por muitos anos seu espírito. Naquele discurso ponderou o varão

apostólico as excelências e prerrogativas da virgindade, pintando-a tão amável que a serva de Deus chegou a conhecer que sua divina Majestade lhe manifestava daquele modo sua vontade santíssima. Consultou-o com aquele santo religioso e, convencida de que Deus a queria para que aumentasse o coro das virgens, fez, de acordo com seu confessor, voto de perpétua virgindade na igreja paroquial de São Miguel de Madri. Determinou, não obstante, dissimular esta resolução a seu pai, respondendo com uma santa prudência a suas contínuas instâncias; mas este propósito não pôde ocultar-se por muito tempo. Trouxeram-lhe umas dádivas e joias preciosas que lhe presenteava o que estava eleito para esposo seu. Um coração menos cimentado na virtude ter-se-ia deixado seduzir de umas prendas que têm um atrativo quase insuperável para a maior parte das mulheres. A beata Maria Ana olhou-as com desprezo; e, considerando que não era já justo entreter por mais tempo as esperanças daquele jovem nem permitir que vivesse enganado seu pai, declarou a este que tinha feito voto de virgindade e que seriam inúteis todos os seus esforços para fazê-la mudar um pensamento que estava certa de que lho havia inspirado o mesmo Deus. Esta declaração, que se difundiu entre a madrasta e os parentes, foi como uma porção de matérias combustíveis lançadas a um voraz incêndio. Aumentou-se a perseguição, cresceram os maus-tratos da madrasta, multiplicaram-se os combates e porfiadas diligências dos parentes que por bem ou por mal queriam apartá-la do voto que havia feito. Seu pai, presumindo que o abatimento e desprezo dobrariam a firmeza de seu coração, despediu de sua casa a criada e mandou que servisse aquele ofício sua filha. Com este motivo obrigava-a a madrasta a exercer sempre os ofícios mais baixos e penosos, não se dando por satisfeita e contente de nada do que a santa fazia. Por qualquer coisa a tratava mal de palavras, dava-lhe pauladas e exercia contra ela as maiores desumanidades. Privava-a da comida, encerrava-a num quarto escuro, sem desistir jamais da pretensão de que contraísse matrimônio.

Era Maria Ana de gentil disposição de corpo e de semblante formoso, realçando sua formosura uma espessa madeixa de dourados cabelos, que contribuíam não pouco para enardecer o amor no jovem que a desejava por esposa. Um dia, pois, determinou tirar este incentivo a sua paixão e, tomando umas tesouras, cortou o formoso cabelo. Não é possível explicar qual foi a cólera do pai e da madrasta quando a viram afeada desta maneira: encheram-na de injúrias, maltrataram-na a golpes, cumularam-na de doestos e de execrações, e tudo isto dissimulado com a capa de zelo, de piedade e de paternal obediência. Mas a santa se manteve nesta e em outras semelhantes tribulações com uma calma e uma paz imperturbável, considerando-se ditosa em padecer por Jesus Cristo, que a fortalecia e consolava com frequentes visões espirituais e, satisfeito por último da fidelidade de sua esposa, passados alguns anos de provas, fez cessar a tormenta. Conheceram todos que era empenho vão resistir aos desígnios de Deus. Ilustrados o pai e a madrasta com soberanas luzes, viram em Maria Ana não já uma filha rebelde a seus preceitos, mas uma donzela escolhida por Deus para fazer ostentação nela das maravilhas de sua graça; e assim, venerando dali em diante a que até então haviam perseguido e ultrajado, deixaram-na viver tranquila em seus santos exercícios.

Vendo-se a serva de Deus numa paz tão doce e apetecível, como antes era cruel a guerra em que se achava, soltou as rédeas a seu fervoroso espírito, não desejando empregar-se em outra coisa que nos exercícios piedosos. Era pouco proporcionada para isto a casa de seus pais: conhecia além disso que estes não se achariam mal com sua ausência; e tanto por uma coisa como por outra determinou fazer-se religiosa. Ainda que as diligências que praticou em todos os conventos de

Madri foram esmeradas, não conseguiu o fim desejado. Afligia-se Maria Ana vendo frustrados seus desejos e pôde tanto nela o anelo de viver entre virgens que abrigou em seu coração um arriscado projeto. Determinou sair de sua casa sozinha e ir a Ocaña, onde havia ouvido dizer que havia conventos em que suas esperanças seriam cumpridas. Só, determinada, sem confiar a ninguém seu segredo, sai de noite da casa de seus pais, a pé, sem provisão para o caminho, mas com uma grande confiança no Deus que não desampara os que nele confiam. Poucas léguas havia andado quando se lhe apresentaram sob um só ponto de vista todos os perigos a que ia exposta uma jovem de dezenove anos de idade, sem outra companhia que os atrativos da natureza. Esta consideração causou-lhe tal espanto que voltou à casa de seus pais, onde numa visão admirável lhe deu o Senhor a entender, por meio de sua Mãe santíssima, que viria tempo em que se cumpririam seus desejos. Entretanto vivia em sua casa com o mesmo recolhimento e abstração de espírito que poderia ter no convento mais retirado. Cresceu novamente o impulso com que seu coração caminhava para Deus, dobrando os exercícios de humildade, de caridade, de mortificação e geralmente de todas as virtudes. Instruía nelas com soberano magistério duas irmãzinhas suas, dizendo-lhes que fugissem do mundo e de suas pompas e vaidades, que desprezassem os atrativos do amor terreno e se exercitassem na contemplação dos divinos mistérios. Com tal ensino saíram as meninas muito avantajadas na virtude, e Maria Ana achava ocupação proporcionada ao fervor de seu espírito.

Dois anos desfrutou a serva de Deus de tranquilidade e repouso, gozando nele as verdadeiras delícias da vida espiritual; mas Deus, que a havia visto pelejar com tanto denodo e vencer, permitiu que entrasse em outra nova guerra, tanto mais temível quanto os inimigos estavam mais próximos dela, levando-os dentro de si mesma. Começou a padecer umas veementíssimas tentações contra a castidade, que o comum inimigo procurava esforçar com as imagens mais torpes e uma viva representação dos objetos mais lascivos. Estas ideias a perseguiam na leitura, na meditação, no trabalho corporal, em todos os exercícios piedosos em que de ordinário se empregava. Acongojava-se seu espírito, chorava, gemia, acudia a Deus na oração; a tentação era cada vez mais veemente e obstinada. Recorreu aos exercícios de penitência; dobrou as mortificações; vestiu rente às carnes um áspero cilício; dormia desnuda sobre uns grandes molhos de sarças e espinheiros; enchia de pedrinhas os sapatos que lhe oprimiam os pés; cingia sua cabeça com uma coroa de pungentes espinhos e levava outra no peito, a qual diz a santa que lhe parecia um ramalhete de flores: nenhuma maceração, nenhum gênero de aspereza havia que não discorresse para domar a carne e vencer os estímulos da concupiscência. Logrou-o ao fim, depois de onze anos de porfiados combates, nos quais o tentador ficou confuso e sua virgindade mais pura e acrisolada.

Parece que depois de uma luta tão longa e obstinada havia Deus de conceder-lhe o gosto de gozar em paz o fruto de suas vitórias; mas não foi assim, porque alguns falsos zelosos moveram em seu pai uns vãos temores de que a virtude de sua filha pudesse ser alguma ilusão do demônio, em que tivesse que entender o tribunal da fé. Então se falava muito dos justos castigos que este tribunal havia executado em Agostinho Cazalla e outras pessoas tidas por virtuosas, mas que na realidade não eram senão uns visionários, hipócritas, supersticiosos e blasfemos. Com este motivo exacerbou-se tanto o espírito do pai, vãmente temeroso, que começou a perseguir a santa com mais crueldade que no princípio. Porque não somente a maltratava, mas impedia-lhe seus devotos exercícios e nem sequer lhe permitia retirar-se para trabalhar num aposentozinho, obrigando-a a

fazê-lo em companhia. Sofreu a santa este trabalho com invencível fortaleza, ajudada dos salutares conselhos de seu mestre espiritual. Mas a elevação de espírito de Maria Ana era superior às luzes daquele venerável padre que, ainda que muito douto e muito versado em matérias de espírito, não se julgou com o cabedal necessário para dirigi-la. Recelou além disso que naquelas grandes operações poderia haver alguma ilusão que ele não entendia; e assim, um dia em que foi confessar-se, despediu-a para sempre. A humilde Maria Ana beijou a terra, pediu-lhe sua bênção e suas orações e, movida de um superior impulso, foi-se ao convento da Mercê, onde encontrou o venerável padre frei João Batista do Santíssimo Sacramento. Este piedoso varão, que alguns anos depois foi fundador dos mercedários descalços, tomou a seu cargo a direção de Maria Ana; e, como os conselhos do prudente confessor eram análogos às inspirações do Espírito Santo, em breve fez a santa tais progressos na virtude que quase chegou ao grau supremo de perfeição.

Esta se aumentava de dia em dia; porque seus pais, mais tranquilizados já em seus temores, davam-lhe ampla liberdade para que se exercitasse em todas as obras de piedade e de fervor. Deus aumentava prodigiosamente os quilates de seu espírito e com celestiais favores a punha em disposição de lavrar mais perfeitamente o caráter de esposa sua. Não contente Maria Ana com os trabalhos e dores que até então havia padecido, desejava vivamente gostar de alguma maneira as dores que havia padecido Jesus Cristo em sua paixão sacrossanta; e o Salvador lho concedeu de um modo maravilhoso. Estava a santa um dia contemplando aquele passo acerbíssimo da paixão de Jesus quando este Senhor, coroado de espinhos e vestido de púrpura, foi apresentado ao povo, que em confusa gritaria clamava que o crucificassem. Com o fervor da contemplação arrebatou-se seu espírito, e pareceu-lhe que via o Salvador naquela forma dolorosa em que o havia considerado. Aproveitando-se da ocasião, tomou a coroa do Senhor com suas mãos e pô-la sobre sua cabeça. Em consequência desta visão sentiu nas têmporas, por todo o resto de sua vida, umas dores tão intensas como se realmente lhe houvessem trespassado a cabeça. A estas penas acrescentaram-se várias enfermidades que padeceu em todo aquele decurso de tempo, até a idade de trinta e três anos, em que o Senhor quis que tivessem fim os trabalhos e começassem os regalos e doçuras. Estava a santa em contemplação e pareceu-lhe ver o Redentor do mundo num trono majestoso e resplandecente e que com um semblante benigno lhe dizia assim: Filha minha, terias gosto de estar em minha cruz? E que ela respondeu: Quando, amorosíssimo Senhor, doce esposo e único dono de meu coração, mereci eu favor tão grande? Mas, ainda que me reconheço indigna de tanta dita, abraço a cruz com todo o gosto e alegria, se assim é vossa vontade. No mesmo instante sentiu em seus pés e em suas mãos umas dores acerbíssimas, às quais se seguiu em sua alma uma suavíssima unção do Espírito Santo, que a encheu de vigor e forças sobrenaturais. A este inefável favor seguiu-se outro: este foi uma tranquilidade de ânimo e um sossego tal nas paixões que dali em diante nem sentiu mais as sugestões do demônio nem a carne a mortificou mais com suas rebeldias, gozando de uma paz tão aprazível como se estivesse já na vida bem-aventurada.

Por este tempo, como seu pai era criado do rei Filipe III e este trasladou a corte a Valladolid, teve a santa de segui-lo, conservando em todo lugar o mesmo fervor de espírito e santo teor de vida que até ali havia guardado. Voltou a Madri pelos anos de 1606 e, ainda que no princípio viveu algum tempo junto a Santa Catarina dos Donados, finalmente foi estabelecer sua habitação perto do convento de Santa Bárbara, que era o lugar aonde se haviam encaminhado sempre seus desejos. Habitou primeiramente uma pequena casa ali perto; mas, havendo sido lançada dela com impropério, fabricou uma pobre celazinha num pórtico que lhe franquearam os religiosos. Todo o

aparato de sua pobre habitação se reduzia a duas cadeiras velhas e a uma esteira que servia de assento e de tapete às muitas e grandes senhoras que iam visitá-la. Tinha além disso sobre uma mesa uma devota imagem de Jesus Cristo e uma cruz grande em que orava com os braços estendidos. Sua cama se reduzia a uma cortiça sobre a qual se recostava, servindo-lhe um madeiro de almofada. A estes aparelhos se acrescentavam os cilícios, disciplinas, raladores, molhos de sarças e outras coisas semelhantes, todas elas tintas de seu sangue. Neste lugar julgou-se Maria Ana como numa solidão onde podia viver a sós com seu Esposo. Somente lhe fazia companhia uma mulher chamada Catalina de Cristo, cujo mau humor exercitou não pouco a paciência da santa. O teor de vida que empreendeu nesta pobre celazinha e conservou até a morte põe espanto não somente às pessoas delicadas, mas às penitentes e fervorosas. A simples narração de suas ocupações diárias basta para fazer-nos formar uma ideia de sua grande santidade. Levantava-se à meia-noite para a contemplação dos divinos mistérios, que durava todo o tempo que gastavam os religiosos no ofício de matinas; repousava um pouco até as três; a esta hora rezava várias orações vocais e permanecia em contemplação até o amanhecer; ia à igreja, onde se confessava, comungava e orava até o meio-dia, à exceção de alguns breves instantes que dedicava à consolação de seus próximos; voltava a sua cela, onde, depois de tomar um alimento tão escasso que apenas bastava para conservar a vida, se prostrava em oração diante de uma cruz que tinha na horta; às duas voltava à igreja, assistia às vésperas e depois trabalhava para o bem de seus próximos até as cinco, em que voltava à oração mental e perseverava nela uma hora inteira; ouvia completas e, voltando a sua cela, começava de novo os exercícios de oração e penitência até as nove, em que principiava a leitura espiritual; esta durava duas horas, e desde as onze até as doze tomava algum descanso para começar de novo seu diário exercício.

Um gênero de vida tão penoso e tão espiritual a elevou a um grau tão sublime de contemplação que nela padecia aqueles dulcíssimos desfalecimentos e arroubos com que o divino Esposo regala as almas que se lhe entregam totalmente e sem reserva. Todas as virtudes tomaram nela um igual incremento: sua fé igualava à dos mártires, de cujo número desejou ser muitas vezes; sua esperança jamais se debilitou nem nas perseguições, nem nos trabalhos, nem na maior miséria; mas sobretudo avantajava-se sua ardentíssima caridade, na qual se cifram todas as virtudes. Amava a Deus com tal ternura que, nas vezes que aconteceu estar em perigo de morte, olhava este duro transe com olhos amorosos, representando-se-lhe como um meio de unir-se para sempre com seu Deus. O amor a tinha atada aos templos, não sabendo apartar-se de onde tinha seu tesouro; o amor lhe fazia olhar seus próximos como a filhos seus e carregar sobre si a respeito deles todas as obrigações de uma terna mãe. Por este motivo sofria com gosto as contínuas visitas com que a molestavam gentes de todos os estados e hierarquias, uns buscando consolo em seus trabalhos espirituais e outros solicitando remédio temporal em seus infortúnios. A um e outro acudia próvida a santa virgem, e se pode dizer com verdade que foram tantas e tão copiosas as esmolas que se fizeram por sua mão quanto maravilhosas e duradouras as conversões que resultaram de suas santas admoestações, de sua fervorosa oração e de suas eficazes palavras.

Um conjunto de prendas tão admiráveis granjeou-lhe uma grande fama, não somente na corte, mas em muitos outros lugares da Espanha, aonde penetrou o odor de suas virtudes. Príncipes, grandes, senhores e senhoras vinham visitá-la em sua pobre celazinha, encomendavam-se a suas orações e faziam-na árbitra nos negócios mais árduos e importantes. Por especial breve de Paulo V, concedeu-se-lhe fabricar junto a sua cela um pequeno oratório, no qual lhe diziam missa e

administravam a santa comunhão; não se tendo desdenhado de servi-la de capelão, entre outros personagens eclesiásticos, o senhor dom Gabriel Trejo Paniagua, cardeal da santa Igreja de Roma, bispo de Málaga e presidente do conselho de Castela. No meio da comum estimação e veneração de todos, a santa não perdeu nada de sua humildade, igualando nela o baixo conceito que tinha de si mesma ao desprezo com que olhava todas as honras mundanas, segundo o acreditou na ocasião seguinte. Saiu um dia a passeio para a Fonte Castelhana a rainha Margarida. Desejosa de consolar-se com a santa conversação e companhia da serva de Deus, mandou chamá-la para que a acompanhasse no passeio. Recebeu a santa o recado; mas, contemplando que daquela honra lhe poderia resultar alguma ocasião de vaidade, mandou dizer à rainha que, para encomendar a Deus Sua Majestade, melhor estava em sua cela. Esta resposta foi muito do agrado daquela rainha católica e confirmou-a na opinião de santa em que tinha Maria Ana. Mas com todas estas virtudes não estava ainda contente seu coração enquanto não se visse contada entre as filhas do grande patriarca São Pedro Nolasco, fazendo-se religiosa como antes havia apetecido: estes desejos viu-os cumpridos o dia 20 de maio de 1614, terceiro dia da Páscoa do Espírito Santo, em que fez solene profissão nas mãos do Mestre-geral dos mercedários.

Já não lhe ficava a esta serva de Deus coisa que apetecer nesta vida. Suas virtudes haviam chegado ao mais sublime grau de perfeição. Jesus Cristo a regalava frequentemente com admiráveis arroubos em que lhe dava a provar o inefável tesouro de suas divinas doçuras, principalmente quando contemplava no sacramento da Eucaristia, na paixão de Jesus Cristo e nas graças de sua santíssima Mãe, de quem foi muito devota. Além disso estava singularmente adornada com todos os dons do Espírito Santo, particularmente com o dom de milagres e de profecia, em que foi portentosa e admirável. Disposta esta bendita Esposa de Jesus Cristo com todos os adornos e atavios da graça, achava-se pronta para ir às bodas eternas. Com efeito, na quinta-feira 11 de abril de 1624 acometeu-a uma terrível dor de lado, que em poucos dias lhe tirou a vida. No decurso desta enfermidade recebeu algumas vezes a sagrada comunhão, com cuja medicina se temperavam as dores de sua mortal doença. Logo que se divulgou na corte o perigo em que estava, concorreram a visitá-la os grandes da Espanha, senhores e senhoras da primeira nobreza, para ter o consolo de receber sua bênção e ouvir suas últimas palavras. Até a católica rainha dona Isabel de Bourbon enviou dona Joana Zapata para que em seu nome lhe fizesse uma visita e lhe pedisse sua bênção. Finalmente, tendo recebido os santos sacramentos com grande devoção e ternura e exortado todos os concorrentes ao amor de Deus e do próximo, arrimando ao peito um crucifixo que tinha na mão, ficou transportada em seus braços num desfalecimento amoroso, que tal foi para ela a morte. Sucedeu esta na quarta-feira 17 de abril do ano referido, sendo a serva de Deus de idade de cinquenta e nove anos. Seu rosto ficou formosíssimo, os olhos entreabertos, a boca risonha, rosadas as faces e toda ela manifestando a glória de que já gozava. Difundiu-se um suavíssimo odor por todo o convento e um triste pranto no povo cristão, que chorava sua mãe, sua mestra, sua protetora e todo o seu consolo.

No dia seguinte apresentaram seu sagrado cadáver num túmulo magnífico que se construiu no meio da capela-mor da igreja de Santa Bárbara. O concurso de gentes de toda classe e condição que acudiram a venerá-la foi incalculável: uns tocavam medalhas, outros rosários e coroas; e Deus premiou a fé de todos com alguns prodígios que acreditaram a santidade de sua serva. O maior de todos foi que, tendo concorrido no sábado seguinte infinitas pessoas a ver o cadáver da santa

virgem e achado que já o haviam enterrado, súbito se apoderou do coração de todas uma dor de seus pecados que mostraram ser verdadeira, confessando-se e comungando naquela igreja. O papa Clemente XIII, tendo-se formado antes o processo, segundo costume, declarou haver tido a beata Maria Ana as virtudes teologais e cardeais em grau heroico. Este decreto se deu no dia 9 de agosto de 1761 e, no dia 18 de janeiro de 1783, nosso santíssimo padre Pio VI decretou que todos os fiéis cristãos pudessem dar culto público à venerável serva de Deus Maria Ana de Jesus como a bem-aventurada [^1].

Martirológio Romano

Em Roma, Santo Aniceto, papa e mártir, que recebeu a palma do martírio na perseguição de Marco Aurélio Antonino e Lúcio Vero, segundo refere São Cipriano em sua carta aos mártires e confessores.

Na África, o trânsito de São Mapálico, que obteve a coroa do martírio em companhia de outros muitos.

Ali mesmo, os santos mártires Fortunato e Marciano.

Em Antioquia, os santos mártires Pedro, diácono, e Hermógenes, seu servo.

Em Córdova, os santos mártires Elias, presbítero, Paulo e Isidoro, solitários.

Em Viena, São Pantágato, bispo.

Em Tortona, Santo Inocente, bispo e confessor.

Em Cister, Santo Estêvão, abade, o primeiro que habitou este deserto, onde teve o consolo de receber São Bernardo com seus companheiros.

No mosteiro de Casa Dei, na diocese de Clermont, São Roberto, confessor, fundador e primeiro abade deste mosteiro.

Missa (oração)

A missa é em honra da santa, e a oração é a que se segue.

> **Latim:** *Munera quæ tibi, Domine, in beatæ Mariæ Annæ festivitate sacramus, et vincula nostræ pravitatis dissolvant, et tuæ nobis misericordiæ dona concilient.*

> *Per Dominum nostrum Jesum Christum.*

Português: Os dons que vos oferecemos, ó Senhor, na festividade da beata Maria Ana nos sirvam para merecer o perdão de nossos pecados e alcançar os efeitos de vossa misericórdia. Por nosso Senhor Jesus Cristo...

Epístola

A epístola é dos capítulos 10 e 11 da segunda de São Paulo aos Coríntios.

2 Coríntios 10,17-18; 11,1-2

> **Latim:** 17 Qui autem gloriatur, in Domino glorietur. 18 Non enim qui seipsum commendat, ille probatus est : sed quem Deus commendat. 1 Utinam sustineretis modicum quid insipientiæ meæ, sed et supportare me : 2 æmulor enim vos Dei æmulatione. Despondi enim vos uni viro, virginem castam exhibere Christo.

Português: 17 Aquelle pois, que se gloria, glorie-se no Senhor. 18 Porque não he o que a si mesmo se recommenda, o que he estimavel : mas he sim aquelle, a quem Deos recommenda. 1 OXALÁ que supportasseis por hum pouco a minha insipiciencia, mas em fim tolerai-me: 2 porque vos zelo com zelo de Deos. Por quanto eu vos tenho desposado com Christo, para vos apresentar como virgem pura ao unico esposo.

Reflexões

A virgindade é um conselho, a castidade um preceito. Toda alma cristã está desposada com Jesus Cristo; e, se não estamos todos obrigados a ser virgens, todos devemos ter a castidade das virgens. Neste sentido diz São Paulo aos coríntios que os havia desposado com Jesus Cristo, apresentando-os como uma virgem casta: *Virginem castam exhibere Christo.* Entre eles havia casados, nem todos eram virgens, mas todos deviam ser castos, usando do matrimônio com reta intenção. A castidade virginal é uma virtude heroica e por isso não é mais que de conselho; mas não se deduza daqui que nos seja impossível ou muito mais difícil que a castidade conjugal. O Apóstolo aconselha àqueles que não sabem extinguir o fogo da concupiscência que se casem, porque melhor é casar-se que abrasar-se. Mas é muito de notar o que acrescenta: *tribulationem tamen carnis habebunt hujusmodi:* trabalho lhes manda nas tribulações que os esperam ainda da parte da mesma carne. E é verdade, porque a concupiscência se exacerba em seus desejos e, se

não se lhe põe tasa, sucede como ao hidrópico que, quanto mais água bebe, mais água deseja. Por isso não é tão fácil como se pensa conservar pura a castidade conjugal, tendo que lutar não só com as paixões próprias, mas com as alheias.

A castidade virginal não tem mais inimigos que a própria concupiscência. Mas, ah!, dirão os mundanos, isto basta para que seja uma virtude impossível e a releguemos ao campo das ficções e quimeras. Quem é capaz de resistir constantemente aos ataques das paixões? Quem pode apagar o fogo da concupiscência? Quem não se rende ao peso de uma natureza corrompida? Pouco a pouco: a natureza não está tão corrompida pelo pecado original que não a viciemos nós mais com nossos maus hábitos. Cortemos de raiz estes, ou, por melhor dizer, não deixemos que entrem em nós, e veremos que a natureza não é tão viciosa nem a concupiscência um inimigo tão temível. Exemplo temos disto em tantas virgens retiradas do mundo antes de conhecer a malícia: a umas, como à beata Maria Ana, permite o Senhor que sofram veementes tentações para mais acrisolar sua virtude; mas a outras deixa-as naquela calma e tranquilidade que é fruto da inocência, e todas vivem contentes e satisfeitas. Por uma que esteja aborrecida no claustro há mil que o estão no século e no estado do matrimônio. Isto não o querem entender os homens sensuais; mas tampouco o que se toma do vinho entende como há quem não goste deste licor.

Evangelho

O evangelho é do capítulo 25 de São Mateus.

Mateus 25,1-13

> **Latim:** 1 Tunc simile erit regnum cælorum decem virginibus : quæ accipientes lampades suas exierunt obviam sponso et sponsæ. 2 Quinque autem ex eis erant fatuæ, et quinque prudentes : 3 sed quinque fatuæ, acceptis lampadibus, non sumpserunt oleum secum : 4 prudentes vero acceperunt oleum in vasis suis cum lampadibus. 5 Moram autem faciente sponso, dormitaverunt omnes et dormierunt. 6 Media autem nocte clamor factus est : Ecce sponsus venit, exite obviam ei. 7 Tunc surrexerunt omnes virgines illæ, et ornaverunt lampades suas. 8 Fatuæ autem sapientibus dixerunt : Date nobis de oleo vestro, quia lampades nostræ extinguuntur. 9 Responderunt prudentes, dicentes : Ne forte non sufficiat nobis, et vobis, ite potius ad vendentes, et emite vobis. 10 Dum autem irent emere, venit sponsus : et quæ paratæ erant, intraverunt cum eo ad nuptias, et clausa est janua. 11 Novissime vero veniunt et reliquæ virgines, dicentes : Domine, domine, aperi nobis. 12 At ille respondens, ait : Amen dico vobis, nescio vos. 13 Vigilate itaque, quia nescitis diem, neque horam.

Português: [1] ENTÃO será semelhante o reino dos ceos a dez virgens: que tomando as suas alampadas, sahirão a receber o esposo e a esposa. [2] Mas cinco de entre ellas erão loucas, e cinco prudentes: [3] as cinco porém que erão loucas, tomando as suas alampadas, não levarão azeite consigo: [4] mas as prudentes levárão azeite nas suas vasilhas juntamente com as alampadas. [5] E tardando o esposo, começárão a tosquenejar todas, e assim vierão a dormir. [6] Quando á meia noite se ouvio gritar: Eis-ahi vem o esposo, sahi a recebello. [7] Então se levantárão todas aquellas virgens, e preparárão as suas alampadas. [8] E disserão as fatuas ás prudentes: Dai-nos do vosso azeite: porque as nossas alampadas se apagão. [9] Respondêrão as prudentes, dizendo: Para que não succeda talvez faltar-nos elle a nós e a vós, ide antes aos que o vendem, e comprai o que haveis mister. [10] E em quanto ellas forão a comprallo, veio o esposo: e as que estavão apercebidas entrárão com elle a celebrar as vodas, e fechou-se a porta. [11] E por fim vierão tambem as outras virgens, dizendo: Senhor, Senhor, ábre-nos. [12] Mas elle respondendo, lhes disse: Na verdade vos digo que vos não conheço. [13] Vigiai pois, porque não sabeis o dia, nem a hora.

Meditação

Sobre a modéstia dos vestidos

Primeiro ponto

Considera que a modéstia no vestir é um sinal da pureza de costumes; assim como, pelo contrário, a imodéstia, o luxo e a vaidade são um indício não somente da ligeireza de coração, mas também de estar lastimosamente corrompido.

Esta verdade a testifica o Espírito Santo quando diz no Eclesiástico [^2]: *O adorno do corpo, o riso e a maneira de apresentar-se dão indício da bondade ou malícia do homem.* Assim se viu que o rei Ocozias conheceu o profeta Elias sem mais sinais que os de seu vestido. Achava-se este rei enfermo e enviou aos sacerdotes dos ídolos para que implorassem seu auxílio, oferecendo vítimas a fim de que o livrassem do perigo em que estava. Estes cegos homens deram por casualidade com o profeta Elias, que lhes mandou dizer ao rei que tivesse por certo que não se havia de levantar mais da cama, mas que daquela enfermidade havia de morrer. Logo que Ocozias ouviu uma nova tão terrível, perguntou ansioso aos mensageiros que figura e que vestido tinha o que lhes havia mandado dar aquele recado. Responderam-lhe que era um homem peludo, cingido com uma correia de couro. E, ouvindo isto, o rei exclamou: Ai de mim, que esse é Elias! Tão certo é o que diz Tertuliano: que, ainda que se cale a língua, fala o vestido e manifesta aos olhos prudentes as virtudes ou vícios do coração. O homem virtuoso, sabendo que o vestido não é outra coisa que uma medicina contra a ferida que recebeu nossa natureza, usa-o com temperança, guardando estreitamente as leis da necessidade. Para isto basta que o vestido defenda o corpo das inclemências das estações, deixando-o ágil e disposto para os trabalhos em que deve empregar-se. Segundo esta consideração, deve usar-se do vestido como se usa da medicina; isto é, tomar o que basta somente para remediar-se contra os danos da enfermidade.

Sendo isto assim, quanta loucura e necedade não manifestam aquelas pessoas que fazem vaidade de trazer ricos vestidos recamados com ouro e prata que bastariam para fazer a felicidade de muitos miseráveis! Quem não riria se visse um enfermo fazer grande ostentação das ataduras, cataplasmas e emplastros que lhe haviam aplicado para curar suas chagas? E quem não o teria por de juízo rematado se o visse salpicar de ouro e adornos custosos os mesmos emplastros que lhe aplicavam nas feridas? Isto mesmo executam, se se olha com olhos, não já cristãos, mas ilustrados com a sã filosofia, aqueles que solicitam que seus vestidos tenham tais feituras e adornos que arrebatem os olhos dos que os olham. Ainda há mais monstruosidade nesta matéria. O homem, segundo saiu das mãos de Deus, santo e perfeito, não necessitava de vestido. Pecou, e a mesma transgressão lhe fez conhecer que estava nu. Começou a sentir a vergonha da nudez e as inclemências do tempo, que não teria sentido se não tivesse pecado. Para precaver-se destas misérias, usou no princípio de umas folhas de figueira, a que acrescentou depois umas peles cosidas com tanta rudeza como merecia seu pecado. O vestido, pois, no homem é verdadeiramente um sinal de opróbrio e de infelicidade; é um verdadeiro sambenito que está manifestando sua ignomínia. Ele diz que o homem foi rebelde a seu Deus, que traspassou seus preceitos, que esqueceu o recente benefício da criação, que abrigou em seu peito o louco pensamento de aspirar à divindade e que em pena de todos estes delitos foi lançado do paraíso, condenado à morte e a necessitar de vestido. Sendo isto verdade, como o é, quanta necedade é a daqueles que se gloriam e pretendem buscar honra no que realmente é uma verdadeira afronta!

Segundo ponto

Considera que, se a profanidade dos vestidos é execrável para um cristão porque manifesta a ligeireza de coração e seus hábitos corrompidos, o é ainda muito mais pelos danos que causa no mesmo que usa os profanos adornos e naquelas pessoas a quem com eles escandaliza.

As famílias inteiramente arruinadas por este excesso, os perigos a que ficam expostos uns filhos privados dos bens de fortuna que lhes haviam concedido Deus e a natureza, as multiplicadas ocasiões de pecar a que expõem o luxo e o vestido profano são demasiado notórias, e sua gravidade se faz conhecer até do mais obstinado em fechar os olhos à luz. Mas, ó Deus imortal, quantos danos, quantos prejuízos causam as mulheres profanas aos incautos que olham com olhos curiosos sua compostura! Só o exemplo da prostituição dos filhos de Israel, à vista dos adornos das mulheres moabitas, basta para fazer temer o coração mais insensível. Um povo santamente instruído, adicto com tenacidade aos ritos da lei e a sua escrupulosa observância; um povo que olhava entre todos os pecados como o mais horroroso a idolatria: este mesmo povo esquece-se de suas leis, abandona a santidade de seus costumes, despreza seu Deus, oferece incenso aos ídolos: e por quê? Porque as donzelas moabitas se apresentam a seus olhos adornadas com todo o esmero e artifício de mulheres mundanas. Este exemplo manifesta o execrável dos adornos profanos, quando eles sós bastaram para mover um povo inteiro a que abandonasse o verdadeiro Deus e sacrificasse aos demônios.

Regularmente costumam alegar as mulheres profanas que, se buscam adornos artificiosos com que fazer sobressair sua formosura, não o fazem com má intenção nem por fim pecaminoso e

depravado. Mas que fins podem propor-se nisso? Pretenderão agradar a Deus e servi-lo com aqueles profanos adornos? Afirmar isto seria uma horrenda blasfêmia, quando o mesmo Deus tem dito por seu profeta que manifestará sua ira e sua indignação contra semelhantes artifícios. Pretenderão agradar aos homens que as olham? Pois nisto vai oculta a intenção de seduzi-los, porque o homem que se agrada de uma mulher composta perto está de consentir no pecado. Pretenderão, por último, agradar-se a si mesmas, adornando seu corpo com os artifícios do luxo e as invenções da vaidade? Mas isto seria uma criminal complacência e um pecado muito semelhante ao dos anjos rebeldes. De qualquer maneira, e sob qualquer aspecto que se considerem os profanos adornos, é preciso convir que são uma sentina de delitos e que ocultam intenções depravadas e fins perversos.

Jaculatórias

> *Verus ornatus christianorum, mores boni sunt.* Sto. Agostinho, Carta 73.

Os verdadeiros adornos de um cristão não são outros que os bons costumes.

> *Omnis caro fœnum, et omnis gloria ejus quasi flos agri.* Is 40.

Toda carne se murcha como o feno; o brilho de sua tez passa como a flor do campo.

Propósitos

Todo cristão deve ter presente que pelo batismo renunciou às pompas de Satanás e se obrigou a seguir em tudo o exemplo de Jesus Cristo e de seus santos apóstolos. Este exemplo nos ensina a modéstia no vestido, imitando São Paulo que, segundo escreve a seu discípulo Timóteo, estava contente sempre que tivesse um alimento bastante para manter a vida e um vestido que fosse suficiente para cobrir a nudez. Daqui se infere que tanto os homens como as mulheres estão obrigados a observar rigorosamente as máximas cristãs de temperança, pudor e moderação nesta matéria. Mas, como em todos os tempos têm sido as mulheres mais débeis para deixar-se levar da louca vaidade, a estas encarregaram os profetas, os apóstolos e os padres com maior cuidado a moderação nos adornos e igualmente contra elas fulminaram as mais terríveis ameaças. São Paulo, escrevendo a Timóteo [^3], dá uma regra do adorno que devem ter as mulheres cristãs. Ali diz o santo Apóstolo qual é seu modo de pensar e sua vontade nesta matéria. Suas palavras são estas: *Quero que as mulheres orem com um vestido decente, adornando-se com vergonha e modéstia; não com os cabelos frisados, nem com ouro, ou pérolas, ou vestidos preciosos; mas com*

as boas obras, como convém a mulheres que fazem profissão de piedade. Estas palavras devem ser a pauta e norma que hão de ter presente as mulheres cristãs quando tratam de seus adornos. Nelas devem olhar-se como num verdadeiro espelho, que lhes descobrirá os defeitos de suas consciências; e, por último, delas se devem servir como de uma instrução para saber que adorno devem destinar a suas filhas, para não faltar às terríveis obrigações que lhes impôs a divina Providência. Deus e Senhor meu! Quando considero o rigor da doutrina evangélica e o cotejo com minhas obras, conheço-me com um sem-número de delitos. Eu compareço em vossa presença, oprimida minha alma de todos os escândalos que têm causado minhas loucas profanidades. Eu fiz desaparecer em mim a obra de vossa mão, que era santa, e em seu lugar coloquei os artifícios de minha vaidade, fazendo-me pedra de escândalo para todos os meus próximos. Eu tenho empregado o mais precioso de minha vida e de meus pensamentos em buscar laços e artifícios com que apartar de vós as almas que haveis resgatado com vosso preciosíssimo sangue. A vossos pés confesso minhas abominações e ao mesmo tempo as detesto. De hoje em diante meu corpo não terá outros adornos que os da honestidade e da modéstia; e, com vossa divina graça, minha alma perceberá os frutos da temperança.

[^1]: Nota do autor: no ano de 1813, por ordem do rei dom Fernando VII, esteve exposto seu cadáver na igreja paroquial de Santiago, havendo sido imenso o povo que concorreu a vê-lo. [^2]: No original há aqui uma chamada de nota, cujo texto não aparece na digitalização. A passagem é de Eclesiástico 19,27. [^3]: No original há aqui uma chamada de nota, cujo texto não aparece na digitalização. A passagem é de 1 Timóteo 2,9-10.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:47:13 by Admin
Updated 20 November 2026 20:47:13 by Admin